

**Alberto Efendy Maldonado**

Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos – Unisinos

E-mail:

[efendymaldonado@gmail.com](mailto:efendymaldonado@gmail.com)

**Felipe Collar Berni**

Universidade Federal de Roraima  
– UFRR

E-mail: [felipe.collar@ufr.br](mailto:felipe.collar@ufr.br)

**Luan Correia Cunha Santos**

Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos – Unisinos

E-mail: [luan.correia@ufac.br](mailto:luan.correia@ufac.br)

**Pedro Henrique Andrade**

Escola Superior de Propaganda e  
Marketing – ESPM-SP

E-mail:

[pedroandradejornalismo@gmail.com](mailto:pedroandradejornalismo@gmail.com)



Este trabalho está licenciado sob uma  
licença [Creative Commons Attribution 4.0  
International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**

Aos autores pertence o direito exclusivo  
de utilização ou reprodução

ISSN: 2175-8689

## Transmetodologias e disputas epistêmicas em processos de investigações comunicacionais compromissados com a cidadania, emancipação e bem- viver

*Transmethodologies and epistemic  
disputes in communicational investigation  
processes committed to citizenship,  
emancipation, and well-being*

*Transmetodologías y disputas epistémicas  
en procesos de investigación  
comunicacional comprometidos con la  
ciudadanía, la  
emancipación y el buen vivir*

Maldonado, A. E., Collar Berni, F., Correia Cunha Santos, L.,  
& Andrade, P. H. Transmetodologias e disputas  
epistêmicas em processos de investigações  
comunicacionais compromissados com a cidadania,  
emancipação e bem-viver. Revista Eco-Pós, 27(3), 113-  
135. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v27i3.28336>

## RESUMO

Revisitamos, através de uma apropriação e desconstrução crítica, investigações que valeram-se da transmetodologia na construção do conhecimento junto ao campo da comunicação nos últimos dez anos. Esse movimento compreende as contribuições da perspectiva transmetodológica como um deslocamento epistêmico em/para comunicação (Maldonado, 2013a; 2013b; 2015; 2022; 2024), ao mesmo tempo em que projeta incitações para futuras empreitadas no campo. Reitera, assim, a potencialidade de naturezas coletivas na produção do saber, a vigilância epistemológica crítica (Bachelard, 2005; 2006; Japiassu, 1988), e assume a pesquisa como eixo central para culturas científicas e cidadanias comprometidas com a conquista e experimentação de um mundo outro (Bonin, 2011; 2022). Celebra, ainda, a transmetodologia como potência criativa para produções epistemológicas da margem ao centro.

**PALAVRAS-CHAVE:** *transmetodologia; ciências da comunicação; pesquisa da pesquisa; epistemologia crítica.*

## ABSTRACT

We revisit, through appropriation and critical deconstruction, investigations that used transmethodology in the construction of knowledge in the field of communication in the last ten years. That movement understands the contributions of the transmethodological perspective as an epistemic shift in/for communication (Maldonado, 2013a; 2013b; 2015; 2022; 2024), at the same time that it projects incentives for future endeavors in the field. It thus reiterates the potential of collective natures in the production of knowledge, critical epistemological vigilance (Bachelard, 2005; 2006; Japiassu, 1988), and assumes research as the central axis for scientific cultures and citizenships committed to the conquest and experimentation of another world (Bonin, 2011; 2022). It also celebrates transmethodology as a creative power for epistemological productions from the margin to the center.

**KEYWORDS:** *transmethodology; communication sciences; research of the research; critical epistemology.*

## RESUMEN

Revisitamos, a través de la apropiación y la desconstrucción crítica, investigaciones que valoran la transmetodología en la construcción del conocimiento en el campo de la comunicación en los últimos diez años. Eso movimiento comprende los aportes de la perspectiva transmetodológica como un giro epistémico en/para la comunicación (Maldonado, 2013a; 2013b; 2015; 2022; 2024), al mismo tiempo que proyecta incentivos para futuros empleadores en el área. También reitera el potencial de las naturalezas colectivas en la producción de conocimiento, en la vigilancia epistemológica crítica (Bachelard, 2005; 2006; Japiassu, 1988), y asume la investigación como eje central para culturas científicas y ciudadanías comprometidas con la conquista y experimentación de mundo otro (Bonín, 2011; 2022). Además, celebra la transmetodología como un poder creativo para producciones epistemológicas fuera del centro.

**PALABRAS CLAVE:** *transmetodología; ciencias de la comunicación; investigación de la investigación; epistemología crítica.*

Submetido em 12 de julho de 2024.

Aceito em 14 de outubro de 2024.

## Introdução

*“A natureza faz movimentos sísmicos, a vida nasce nas brechas... reparem nos asfaltos, tem sempre uma plantinha teimando em nascer por ali”*

Jiani Adriana Bonin

Na fria tarde do dia 20 de maio de 2022, em São Leopoldo, durante o VII Colóquio Internacional de Investigação Crítica em Comunicação<sup>1</sup>, a pesquisadora Jiani Bonin foi chamada pelos mediadores do evento para realizar sua fala que, segundo a programação, seria sobre perspectivas e desafios para se pensar o cibercontrole em apropriações comunicacionais digitais. Já com o microfone em mão, se dirigiu à assistência que acompanhava o evento presencial e remotamente, pediu desculpas pela mudança que faria em sua apresentação, afirmando ser movida por um desejo de mudá-la em uma atitude a qual chamou de anárquica, e que no entanto, preferimos considerar transmetodológica.

A pesquisadora, que dedicou parte dos mais de 20 (vinte) anos de sua carreira a debater e investigar dimensões epistemológicas e metodológicas na área da comunicação, aproveitou os 20 (vinte) minutos destinados a sua exposição para abordar reflexões e valores os quais considera inegociáveis para a construção de culturas científicas mais diversas, cooperativas e sustentáveis. Para Bonin, as possibilidades para esse trilhar estão fincadas em três pilares: a) a natureza coletiva; b) o comprometimento com a cultura acadêmica crítica; e c) a pesquisa como eixo central.

Há certo consenso em afirmar que investigar é um processo solitário, mas a natureza coletiva a qual se refere a pesquisadora só emerge quando entendemos que nossas inter-relações, mais que saudáveis, são necessárias. Concordamos que o ato de pesquisar pode ser bastante íntimo, em especial considerando que é no âmago da interioridade onde podemos ter nossas ideias mais criativas e inspiradoras. Coletividade, no entanto, não significa rejeitar momentos de introspecção, mas sim potencializar a ideia de que precisamos uns dos outros, e

---

<sup>1</sup> Como atividade acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCC), da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e da Cátedra Michèle e Armand Mattelart do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo (Ciespal), o Colóquio aconteceu entre os dias 18 a 20 de maio de 2022, no formato híbrido. Sediado no Laboratório de Pesquisa Avançada em Comunicação e Informação (Labtics), da Unisinos, Campus São Leopoldo, e com transmissão remota, foi o último evento internacional sediado pelo PPGCC antes da notícia do encerramento das atividades em julho daquele ano. Com participação de pesquisadores de mais de 10 (dez) países da América Latina e da Espanha.

que, como seres de interação, devemos concebê-la como fundamental para construções de pesquisa atentas, em um contínuo desafio vivencial.

Ao compreender a centralidade da investigação, parece-nos importante perguntar: de qual pesquisa estamos falando? Aqui nos atemos à questionadora, que não se atém ao determinismo, não pega atalhos e que assume a complexidade e a multidimensionalidade como indissociáveis ao primar pela emancipação dos sujeitos e sujeitas que a praticam. Isso ganha ainda mais força quando vinculada ao campo de conhecimento tão abrangente e oportunamente fértil para experimentações, (re)construções e (re)arranjos como a comunicação

Ao nos comprometermos com uma cultura acadêmica crítica, distinguimo-nos do privilégio exacerbado à racionalidade em detrimento do sentipensar. Pesquisas críticas devem estar aptas a perceber a infinidade de riquezas encontradas nos saberes outros. Ao interpretar a formação como processo contínuo e entender a urgência de comunidades de pesquisa em tempos desafiadores como os que temos passado – de desmonte e reconstrução – percebemos a necessidade do confronto contínuo entre teoria e prática, o que também abarca o desconforto ao nos tirar dos lugares fixos de controle e certeza, nos desarmando da estereotipia.

Nas próximas páginas, somos motivados pela reflexiva fala de Jiani e inspirados pela potência da pesquisa da pesquisa (Bonin, 2011; 2022), que apresenta uma “investigação metodológica” (2022, p. 317) capaz de fomentar orientações estratégicas e contribuições significativas para nossas problematizações, desde “um trabalho alentado de reflexão e desconstrução, que permita ao pesquisador empreender aproximações, reformulações e alargamento dessas propostas, em vários níveis” (Bonin, 2011, p. 34). Um exercício que repercute circularidade, envolvimento e confluência, tal qual nos provoca Nêgo Bispo, compreendendo nossa existência sociocientífica a partir de ciclos, que se renovam e seguem a estrutura infinita de início, meio e início (Santos, 2023).

Motivados pelo desejo de querer construir um panorama das artesanias e deslocamentos metodológicos que o campo empreendeu junto da transmetodologia, realizamos uma perambulação a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Foram 28 (vinte e oito) trabalhos tateados a partir do marcador *transmetodologia* localizado no título, resumo ou nas palavras-

chave das pesquisas<sup>2</sup>. Em uma reflexão-escrita coletiva tal qual apresentamos nas próximas páginas, valemo-nos da divisão para estudos aprofundados e posterior compartilhamento do que cada uma das pesquisas nos *deixou*. Observando a espacialidade que o artigo demanda, o recorte foi necessário; nosso critério foi a afetação, ou seja, recuperar, destacar e problematizar aspectos teórico-metodológicos que o texto nos apresentou e abastecer a jornada transmetodológica para a labuta científica que, por natureza, é intrínseca à sua existência.

É nesta confluência potente onde consideramos que os processos investigativos em comunicação devem: “produzir encontros, vínculos, cumplicidades, parcerias, traduções” (Maldonado, 2022, p. 9) como os realizados para e neste trabalho. Se o comunicacional se reconfigura e se modifica de forma bastante flexível, deve ser, portanto, assim também com a forma como o investigamos. Compreendemos a potência de transmetodologizar, deixando-nos interpelar por um mundo com pouca ou nenhuma garantia, mas onde reiteramos o comunicar como um caminho válido, estimulante, transformador.

Ao recorrer à transmetodologia como uma postura outra, possível de ser assumida frente a processualidade científica, temos por vigilância situá-la dentro de um cenário mais amplo: o de uma ciência comprometida com sua função social de transformação, emancipação e bem-viver, não submissa a interesses exploratórios, extrativistas e com projeção de/para dominações.

Ao acolher a experiência como valor científico capaz de formular sabedoria sobre contextos e realidades e ao (re)conectar pesquisadores e coprodutores – ora expulsos da processualidade da pesquisa em nome de uma pseudoneutralidade, isenção ou puritanismo – reposicionamos o *locus* de problematizações, sendo capazes de revigorar problemáticas e equalizar saberes-interpretações a partir do que consideramos desviante.

## 1 Transmetodologia: leituras múltiplas sobre uma postura possível

Na busca por psicanalisar o conhecimento, Gastón Bachelard, inspirado desde a física à matemática, afirma ser “das perturbações que na atualidade surgem os problemas mais interessantes” (Bachelard, 1996, p. 23). A tentativa do autor era discorrer sobre os perigos da

---

<sup>2</sup> A consulta se deu em 11 de abril de 2024. Os filtros focalizaram em trabalhos vinculados à grande área de Ciências Sociais Aplicadas nos últimos 10 (dez) anos.

generalidade para a construção científica, buscando compreender como as definições consensuais e prévias podem criar paralisias sobre o pensamento, imobilizando uma miríade de possibilidades outras em detrimento do encontro com as *verdades primeiras*, construídas e elaboradas discursivamente desde o pensamento aristotélico sob o pretexto de necessidade. Bachelard (1996) chama essa busca pelo prazer de encontrar respostas fáceis, diretas, prontas de seduções da facilidade.

A transmetodologia não se relaciona a facilitação. Pelo contrário, assumir uma postura transmetodológica é tomar como referência a desconstrução do cômodo – construído e pavimentado por uma cultura positivista e utilitarista, responsável por duas problemáticas bastante vívidas, tanto nas práticas quanto nos imaginários científicos: a primeira delas, supracitada, é a de recorrer a caminhos e trilhas facilitadas para chegar aos objetivos almejados, em experiências científicas pouco cidadãs e pobres epistemológica e metodologicamente. A segunda, é a ideia de pesquisa distanciada de sentidos comuns esclarecidos, tomando-o enquanto pobre e pouco produtivo; daí é que percebemos o nascimento dos ideários de que os cientistas vivem apartados das dinâmicas societárias cotidianas (Maldonado, 2011).

A transmetodologia rechaça a colonização científica, epistemológica e intelectual que imputou às mais diferentes sociedades mundo afora o modelo funcionalista como lente única para a produção de conhecimento, marginalizando todos aqueles saberes e modos de vida que não se encaixam em seu protocolo. Por isso, a partir da postura transmetodológica apostamos na desaprendizagem de uma cultura mecânica-instrumental positivista (baseada em rotinas, fórmulas e métodos apriorísticos) como ação e tática para renovar o campo científico. “Desaprender é um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros saberes” (Rufino, 2021, p. 19). Desaprender, aqui, talvez tenha relação com as perturbações a qual nos fala (Bachelard, 2005; 2006). Conforme o autor desaprender para gerar descobertas; desaprender como método contra a preguiça intelectual.

Com a transmetodologia aprendemos a conciliar e não excluir os sentidos comuns esclarecidos, tão importantes à história da civilização, em especial considerando que não há possibilidade de que o pensamento científico seja neutro, menos ainda, plenamente objetivo. Isso não significa que a neutralidade e a objetividade não são conquistas científicas obtidas a partir de esforços conjuntos; mas que não importaria, na perspectiva transmetodológica, uma

objetividade dissimulada, imbricada aos fazeres e construtos utilitaristas. Junto a Hilton Japiassu, refletimos que: “a verdadeira significação da ciência não reside no saber enquanto tal, mas no poder que ele efetivamente confere” (Japiassu, 1988, p. 146).

Daí a construção de uma ciência posicionada, situada, consciente. Epistemologia que mobiliza compreensão outra da objetividade científica; não orientada para sufocar e aniquilar a subjetividade, os afetos, os sentimentos em nome de uma rigidez, teatralizando uma postura neutra, mas que exercita uma objetividade a partir do respeito com o objeto/problema construído/conquistado, no próprio mergulho e reflexão dos desenhos metodológicos, na significação e confluência dos métodos, que não são dados como prontos, mas impõem uma necessidade de reflexão constantes para construir caminhos e recursos investigativos.

Ao reconhecer os diversos atravessamentos na construção e elaboração da pesquisa conseguimos fugir de um cinismo epistêmico. Isso nos ajuda a se afugentar de compreensões duais que ainda separam teoria e prática no processo científico, por exemplo; mas também nos direcionam para um entendimento dos processos metodológicos como aliados e não sob as significações e imaginários que aterrorizam e criam entraves aos pesquisadores (Wottrich, 2021).

A transmetodologia se fecunda a partir de um ideal de ciência como produto inacabado – não como campo consolidado, mas em movimento, construção e oxigenação – se entrelaça, entre outros elementos, com a transdisciplinaridade; com os rearranjos investigativos; com o exercício da inteligência, que envolve espírito, cultura e sociedade, inteligência essa que Edgar Morin (2008) posiciona como arte que não obedece a receitas; com o próprio pensamento inventivo (Maldonado, 2013; Morin, 2008); com os descobrimentos, criações, experimentações, configurações a partir do entrecruzamento intenso de saberes desde os milenares, indígenas, amefricanos, quilombolas, ribeirinhos, periféricos, da arte popular e até os consagrados academicamente, na produção de conhecimento vivo, emancipatório, restaurador, justo, colaborativo, comprometido com a vida e a transformação. Essa epistemologia crítica desemboca na própria cidadania científica (Maldonado, 2011), no direito à produção de conhecimento e à própria investigação, mas, que passa necessariamente pelo acesso aos espaços de produção. Por sua vez, uma cidadania científica que não se resume apenas a direitos, conforme provoca Alberto Efendy Maldonado (2011), pois:

é uma práxis humana; um exercício de criação; um jogo de experimentos mentais; uma produção artesanal, técnica e artística; um conjunto de culturas inventivas; uma realidade social de vida cooperativa em que os agentes pesquisadores, técnicos, intelectuais e cientistas entram em relações produtivas para benefício comum, do grupo, da equipe, do coletivo e da sociedade que a apoia (Maldonado, 2011, p. 8).

Nesse contexto, temos transmetodologias no plural, a partir de uma compreensão que repercute uma reconstrução teórico-metodológica do pensar ciência e pesquisa em comunicação. No plural porque rompe com pensamentos enclausurados em disciplinas, pois mobiliza reflexões confluentes que promovam remembramentos do conhecimento. Plural, pois desobediente, ou seja, um pensamento que se dá pelas bordas, frestas, à margem do modelo que querem se fazer hegemônicos. Conhecimentos pulverizados em resistência e lutas que desafiam estudos positivistas. Transmetodologias que se nutrem da multilética (Maldonado, 2013)<sup>3</sup> para uma prática mestiça – confluyente, contraditória, sócio-histórica, multidimensional e multicontextual – que corrobora para uma ecologia científica a partir da valorização e do reconhecimento das diversas culturas, valores e benfeitorias dos seres humanos.

Como mobilizá-la? O funcionalismo coloca uma dependência na apropriação de técnicas e recursos metodológicos de maneira receituária, quase dogmática, sem problematização e tensionamento, afinal, nesta concepção de mundo “a instância metodológica é reduzida a um conjunto de prescrições formais que validam um trabalho com sendo científico”, como problematiza (Wottrich, 2021, p. 24). Isso repercute, por logo, em nossas leituras e projeções – mesmo quando a pretensão e os intentos sejam os melhores possíveis.

Aqui, essa ânsia pela aplicabilidade da transmetodologia, torna-se uma armadilha que contraria a própria concepção basilar do que seria seu exercício. Escolhemos, pois, substituir uma listagem de usos instrumentais da transmetodologia por inspirações, que tornam-se ponto de partida para descobertas, (re)criações, experimentações (como as que vamos destacar na sequência do texto), visto que a postura transmetodológica tem a ver com uma prática de um ofício criativo, inventivo, artesanal e cidadão.

---

<sup>3</sup> A concepção da multilética para Maldonado (2013a) compreende que as “contradições, conflitos, nexos e inter-relações, nesta perspectiva, não têm formatos nem dicotômicos, nem triádicos, nem finitos. As possibilidades são múltiplas na fenomenologia dos problemas e objetos simples/complexos e nas mentalidades mais esclarecidas; os arranjos, dinâmicas, fluxos, configurações, estruturas e expressões qualitativas (que marcam distinção transformadora) realizam-se em confluências e exclusões de caráter inventivo, diverso, intenso (poético/ético denso) e amplo” (Maldonado, 2013a, p. 10-11).

Ao falarmos de artesanaria, não jogamos luz a uma prática isolada, particular ou solitária; pelo contrário, pensamos como imprescindível o cultivo e celebração de coletividade e solidariedade científica, projetando um artesanato de indivíduo em companhia. Ao sinalizar para o rechaço de concepções metodológicas prontas, não se procura estimular um egocentrismo acadêmico, tampouco à *invenção da roda*, perceba que o processo científico individual é necessariamente coletivo. Nenhum artesão-pesquisador parte do zero, Japiassu (1988), Bonin (2011) e Maldonado (2011) tensionam a necessidade de revisitarmos estudos, pesquisas e reflexões já concluídas no intuito de fortalecer, alargar, problematizar e desconfiar das nossas concepções prévias, mas também, observar lacunas, fracassos e potencialidades para contribuir com a produção de conhecimento transformador. Nossa própria reflexão neste texto tem a com a *pesquisa da pesquisa* (Bonin, 2011; 2022), um processo de mergulho e imersão, a partir de movimentos confluentes de desconstrução, crítica, confrontação e apropriação no acervo de investigações já realizadas e que atravessam nossos interesses e problemáticas para “avançar com e a partir deles” (Bonin, 2011, p. 32, grifo da autora), em um distanciamento formal do que consideraríamos *estado da arte*.

Ao estimular essas habilidades e competências, onde leituras e reflexões acerca dos trabalhos com temáticas próximas e relacionáveis ao que temos construído saltam aos olhos, nota-se a compreensão-percepção cada vez maior ao que consideraríamos, inspirados na leitura de Wright Mills (2009), como *pensamentos marginais*, afinal, é na percepção e combinação de ideias antes jamais imaginadas que podemos nos encontrar com o que Morin (1999) estabelece enquanto *gozo psíquico*, estado de concomitante perda e realização de si; daí a importância fulcral de considerar que nossos processos científicos não podem ser apartados de nossos estados emocionais; afinal, as interpretações que fazemos da realidade observável não estão em dissonância com eles, mas em harmonia (Morin, 1999).

Podemos pensar no que nos relata Morin (1999) também com o que María del Rosario Millán (2020) consideraria *la capacidad de asombro*: um estímulo à capacidade de se maravilhar, revestindo da inocência e curiosidade da criança que descobre o mundo e as coisas perguntando: “O que é isso? Por que é assim?” Mas, como se maravilhar dentro de um modelo de ciência forjado numa compreensão neutra e isenta? E que expulsa o próprio pesquisador-artesão da processualidade em nome de uma pseudo imparcialidade e pureza do achado? Nesse sentido, Millán nos provoca e sinaliza a necessidade de “deslocar nossos esquemas de pensamento

oxidado e animarmo-nos a construir maneiras criativas e rigorosas de produzir conhecimento que deem conta da complexidade de nossas atuais condições de comunicação e de vida” (Millán, 2020, p. 11).

Em construções transmetodológicas, consideramos que: “não há sujeito sem pressuposto de palavra própria, mas não há palavra verdadeira sem pressuposição da própria história” (Martín-Barbero, 2018, p. 120). Sendo assim, são frutíferas e intensas as parcerias e cumplicidade entre pesquisador(a) e coparticipante na busca por articular e oportunizar o máximo dessas histórias, inscritas no corpo enquanto experiência primária de ser-estar, mas também a partir das palavras como possibilidade infinita de habitar, experienciar e compartilhar no mundo. Seriam os sujeitos comunicantes<sup>4</sup> da pesquisa, aliados e coprodutores do conhecimento elaborado, e não meros *sujeitos pesquisados*. *Pesquisar-junto, pesquisar na companhia, pesquisar com* num intercâmbio de sabedorias construídas em espaços distintos e a partir de uma existência atuante (Martín-Barbero, 2018).

## 2 Tessituras de um movimento de *pesquisa da pesquisa* em transmetodologia

A transmetodologia, na qualidade de um renovador epistêmico para o campo da comunicação, assume características artesanias intelectuais. Como postura frente às demandas das nossas investigações, aposta em uma leitura particular, contextual e inventiva para o desenho de estratégias teórico-metodológicas capazes de formular, de forma potente, conhecimento e sabedoria para a emancipação e transformação social. Por isso, delinear a prática transmetodológica de maneira totalizadora – tal qual o positivismo e o estruturalismo o fazem – seria uma armadilha. Nesse contexto, a transmetodologia renunciaria as suas premissas, aquela que contraria guias, receitas e métodos a priori, forjados como fórmulas científicas prontas para serem replicadas. Da mesma forma, minimizaria as probabilidades inventivas de novas perspectivas, movimentos e desenhos teórico-metodológicos.

Assim, as premissas da perspectiva transmetodológica (Maldonado, 2013a) não são excludentes, tampouco uma lista de checagem para comprovar se estamos ou não utilizando-a *verdadeiramente* em nossas pesquisas; pelo contrário: operam como ancoragem do nosso fazer

---

<sup>4</sup> Aqueles(as) entendido por Alberto Efendy Maldonado como “sujeitos complexos de caráter histórico, social, cultural, político, ético, estético, técnico e psicológico” (Maldonado, 2014, p. 37), que se inter-relacionam como os meios de “maneira fluída, caótica, estruturada, condicionada, livre, pactuada, enquadrada e subversora” (Maldonado, 2013b, p. 90).

científico, ajudando a rechaçar usos instrumentais e utilitaristas. A simples utilização de dois ou mais recursos metodológicos distintos não resulta no emprego da perspectiva transmetodológica em nossos trabalhos. A pesquisa quanti-quali não é transmetodológica por determinismo. Lembramos: a transmetodologia não pretende ser confortável. Ao mesmo tempo que nos dá liberdade, exige vigilância epistemológica densa, experimentação crítica e contínua e reflexão teórico-metodológica como pressuposto da empiria. Ou seja, sua mobilização dentro de uma pesquisa não pode se resumir a uma introdução ao *capítulo metodológico*, a uma justificativa para a escolha de utilizar métodos *mistos* ou mesmo a um mero recurso estilístico.

Como artesanaria, a perspectiva transmetodológica acolhe o sujeito-pesquisador(a)-artesão. Acolhe também os sentimentos e afetos, o companheirismo, a cumplicidade, assim como as disputas e os conflitos com os sujeitos da pesquisa. Os lugares de investigação e os problemas-objetos construídos conjuntamente ganham centralidade e significância para a construção daquele conhecimento. Isso tudo tem valor científico quando práticas de *escrevivência* (Evaristo, 2017) são fomentadas, bem como no reconhecimento da potência de vivências etnográficas – de imersões e construções coletivas – para a produção do conhecimento, num encontro fecundo de saberes entre a multidimensionalidade do pesquisador(a) e dos sujeitos comunicantes.

Entre diversos usos possíveis, reinvenções, articulações e possibilidades de cultivar a vertente transmetodológica, em nosso processo de *pesquisa da pesquisa*, algumas investigações nos chamam a atenção e vão se constituindo em coletivos de destaque com base na confluência de suas propostas e perspectivas críticas de pesquisa. Neste artigo, os coletivos são três: *a) Tensionando e tecendo cartografias de saberes entre as multidimensionalidades dos sujeitos das pesquisas; b) Perspectiva de uma construção coletiva de saberes; e c) Epistemologias subversivas, poéticas e paraconsistentes.*

Destacamos ainda que, por mais que apresentemos determinadas pesquisas a partir de uma categoria central, isso não exclui o entendimento ou pertencimento da investigação a outros movimentos da vertente transmetodológica. Fazemos uso deste agrupamento de pesquisas com foco em evidenciar determinadas materializações das premissas transmetodológicas a partir de movimentos que nos são centrais para sua compreensão. Da mesma forma, é possível que outros arranjos e possibilidades de pertença sejam notados e geridos pelos interlocutores.

## 2.1 Tensionando e tecendo cartografias de saberes entre as multidimensionalidades dos sujeitos das pesquisas

Dentre esses coletivos, elencamos o primeiro a partir dos tensionamentos e tecidos de saberes que foram se constituindo em nosso corpus de, tendo como base abordagens plurais, inventivas e compromissadas, estando orientadas pela/para as multidimensionalidades dos sujeitos comunicantes.

Em trabalhos como os de Claudiane Aparecida de Sousa (2021), percebemos o uso da transmetodologia a partir do que a autora chama de *ponto de equilíbrio*: na busca por analisar via conteúdo e discursivamente a cobertura de jornais nacionais, regionais e laboratoriais sobre as tragédias criminosas nas barragens de Brumadinho e Mariana, ambas no estado de Minas Gerais, em uma investigação a qual consensual e aprioristicamente entenderíamos como análise de produção jornalística. Contudo, notamos que a autora não se exime também de visitar *in loco* e realizar entrevistas com sujeitos comunicantes atingidos pelas tragédias em cidades mineiras e também do estado do Espírito Santo (ES), buscando compreender a partir do que intitula *caminhadas*, histórias de resistência e percepções acuradas sobre as relações tempo-espaciais das comunidades com os locais atingidos. Dessa forma, incorpora ao texto reflexões que também compreendem dinâmicas de resistência.

Claudiane Sousa (2021) aposta, assim, na multidimensionalidade como característica fulcral para o desenvolvimento de seu trabalho e se apoia em premissas pontuadas por autores e autoras que se enveredaram na temática, justificando e refletindo sobre suas escolhas, dialogando e estimulando o que compreenderíamos enquanto confluência e confrontação entre teoria e empiria.

Já na proposta de Leila Lima de Sousa (2021) percebemos a transmetodologia a partir de: “contextos micro e macro que se entrecruzam e se inter-relacionam para promover tensionamentos nas categorias centrais de investigação” (Sousa, 2021, p. 9). A autora vê na transmetodologia uma forma de compreender dinâmicas cidadãs em mulheres negras na plataforma de rede social digital *Instagram* a partir de suas escritas de si, termo foucaultiano que ganha paralelos e contornos com a ideia de escrevivência em consonância aos escritos de Conceição Evaristo. Para chegar aos resultados almejados, a autora vale-se de pesquisas exploratórias como questionários, incursões empíricas, relatos orais, entrevistas em profundidade e análise etnográfica no *Instagram* de seis sujeitas.

A pesquisa entende a interseccionalidade como *indissociável* da construção de pesquisas cidadãs; além disso, não foge de discussões caras aos estudos da comunicação na hodiernidade como as que também consideram as lógicas algorítmicas para os debates da/na cultura digital, reconhecendo que elas marcadamente privilegiam e reproduzem lógicas hegemônicas de poder, diferente dos trabalhos que preferem compreender as infraestruturas e as materialidades algorítmicas como etéreas. Em seu trabalho, Leila Sousa (2021) evita estimular pensamento anacrônico que desconsidera as marcas e tensionamentos envolvidos a esta forma de experienciar o mundo e se subjetivar em espaços plataformizados, considerando, para além das bibliografias críticas sobre o temário, a própria percepção das sujeitas sobre o funcionamento dessas lógicas em processos de (in)visibilização (Sousa, 2021).

Em práticas cartográficas, o sentir e o experienciar são *locus* potentes de problematização (trans)metodológica (Aguiar; Rosário, 2013). Foi através da cartografia noturna que Fábio Pinto (2019) construiu uma análise transmetodológica sobre duas versões de *El Eternauta*, historieta de ficção científica escrita pelo argentino Héctor Germán Oesterheld, publicada pela primeira vez no final da década de 1950 e, pela segunda vez, em outra versão, no final da década de 1960. Reconhecendo, assim, a cartografia como:

uma hermenêutica plural para interpretar objetos pluridimensionais. Essa interpretação aberta, receptiva, que se constrói junto com a análise de um objeto, e com ele se mistura, depende de um fazer prático, ou seja, de um transmétodo capaz de produzir essa simultaneidade. Daí que, ao invés de criar um mapa e seguir o caminho, decidi que o processo, a caminhada, deveriam se tornar o próprio mapa (Pinto, 2019, p. 27-28).

No caso de Pinto, uma caminhada de um estrangeiro que se debruça sobre um repertório cultural de outro país. Uma cartografia em primeira pessoa, ou seja, “uma opção consciente pela postura ‘autobiocrítica’ [...] o constante repensar das próprias posições” (Pinto, 2019, p. 28, grifo no original).

Vivian Corneti de Lima (2019) utiliza a cartografia como ferramenta transmetodológica para descobrir, descrever e compreender quais são e como se desenvolvem as estratégias utilizadas por pessoas com deficiência física para construírem acessibilidade, incluírem-se ao ambiente digital e, por lá, desenvolverem a sua cidadania. A partir da cartografia das controvérsias - observadas em estudo de casos, em imersões (n)etnográficas e nos dados coletados pela aplicação de um questionário - apresenta mapeamentos que revelam

complexidades sobre a heterogeneidade desse grupo e suas peculiaridades e ações dos objetos (gambiarras e *affordances*) em vistas ao exercício de cidadania digital.

Não é coincidência que sujeitos e coletivos sociais ganham centralidade nas problematizações que buscam na transmetodologia caminhos possíveis para a produção e reconhecimento do saber. Muitas vezes são pessoas em situação de vulnerabilidade, cidadãos de *segunda classe*, que são chamados para pesquisar junto: pessoas com deficiência (Lima, 2019; Campanhã, 2020); travestis e transexuais como nos trabalhos de Júnior Melo da Luz (2022) e Yvets Morales (2019) e povos indígenas (Carneiro, 2019; Thomazine, 2019). A transmetodologia atua como fiadora de uma ecologia de saberes, acolhendo mentes, culturas e conhecimentos advindos de espaços outros aqueles consagrados como legítimos e dignos de reconhecimento, permitindo, assim como em experiências cartográficas, um olhar atento e inventivo do sujeito pesquisador a partir de suas afetações e percepções (Rosário, 2016).

## 2.2 Construções coletivas de saberes outros

Como mencionamos, uma das perspectivas possibilitada e incentivada pela vertente transmetodológica é o zelo na confecção de uma *artesanaria intelectual* dos sujeitos pesquisadores(as), especialmente considerando os saberes construídos em coletivo e em confluência com outros tipos de conhecimento. Essa *práxis* se materializa de formas plurais, inventivas e flexíveis, se adequando e alinhando a cada realidade concreta de pesquisa, por mais que compartilhem das mesmas premissas. Em nossos achados, alguns se destacam.

Luz (2022), em sua tese *Cidadania Transcomunicativa*, expressa a dimensão colaborativa e coletiva da produção da pesquisa, desde a problematização central, que é delimitada a partir da seguinte pergunta: "De que forma, a partir do diálogo com mulheres transexuais e travestis, é possível entender a constituição de suas identidades, corporalidades, em processos comunicacionais e midiáticos, e a construção da cidadania transcomunicativa?" (Luz, 2022, p. 23).

A pesquisa também vale-se da combinação de teorias e métodos (pesquisa bibliográfica; *pesquisa da pesquisa*; pesquisa teórica; pesquisa contextual; pesquisa empírica exploratória e sistemática, bastante comuns entre experiências transmetodológicas) para efetivar a colaboração com seis interlocutoras transexuais e travestis, de diferentes regiões do Brasil.

Entrevistas semiestruturadas em profundidade em locais do Rio Grande do Sul (RS) e na Casa Florescer - lar de acolhimento de mulheres transexuais e travestis na cidade de São Paulo (SP) – complementam as bases metodológicas. Para sua pesquisa (Luz, 2022), a transmetodologia serve não para perpetuar uma construção linear do pensamento, mas sim para a construção de um pensar multicontextual e pluridimensional.

Em diálogo com Júnior, a pesquisa de Yvets Morales Medina (2019), em sua dissertação *O Corpo Travesti: A memória dos sujeitos comunicantes*, também vale-se da transmetodologia para se aventurar em investigações acerca dos gêneros e sexualidades; na ocasião, problematiza a contradição em que opera o universo travesti. Reconhece que tais corpos se modificam, transitam e interpelam as lógicas heterobinárias do sistema capitalista, patriarcal e heteronormativo, ao mesmo tempo em que reconhecem a existência do gênero binário masculino-feminino. Nessa configuração, a autora pensa a partir das sujeitas comunicantes travestis e como atuam em seus cotidianos em sociedades midiaticizadas, colocando em exercício a cidadania comunicativa. Aqui, a transmetodologia é acionada a partir deste reconhecimento e reflexão sobre a cotidianidade, enquanto um processo metodológico *vivo*, que palpita, se desloca, cresce ou estanca na relação com os ambientes sociais, midiáticos, familiares, acadêmicos em que o problema/objeto está envolvido (Medina, 2019). Carrega um reconhecimento da experiência da pesquisadora, junto às sujeitas que compõem a pesquisa em coletivo.

Uma das formas como a pesquisa materializa tais experiências cotidianas se deu no contato e diálogo com uma de suas sujeitas de pesquisa – Evelyn Madona, em que, a partir de seus relatos, foram visitados lugares de Quito, no Equador, que conservam memórias coletivas de pessoas trans. Esse experimento cartográfico, concebido como uma teia, foi chamado de *mapa marica* (Medina, 2019). O acionamento da cartografia a partir da noção de tecido apela para os entrecruzamentos de emoções, sentimentos, sentidos e experiências midiáticas atravessadas pelo desejo das travestis em compreender seus corpos e gênero. Esse tecido é capaz de evidenciar reflexões sofisticadas, críticas e autocríticas da sociedade midiaticizada. Sua contribuição é evidenciar, ainda que fragmentados, os discursos e a produção de sentido dos corpos.

Os saberes constituídos em coletivo também aparecem a partir de premissas transmetodológicas no trabalho de mestrado de Raquel Carneiro (2019), ao trabalhar com o conceito de uma etnomídia indígena a partir do estudo sobre a web rádio Yandê. Aqui, a

transmetodologia é acionada a partir da percepção da confluência de saberes na pesquisa, especialmente combinando a pesquisa científica com os saberes tradicionais indígenas. Como afirma a autora, saberes que ultrapassam o ambiente científico para o enriquecimento da própria ciência.

Ao longo de seu texto, diversas vozes indígenas se cruzam com as referências da autora e com suas próprias reflexões. Para a efetivação de uma confluência de saberes, são acionadas sensibilidades múltiplas, que situam os sujeitos multidimensionais da pesquisa. Para isso, a necessidade de superar estruturas e alienações fixas e condicionamentos estáveis. Dessa forma, uma trilha transmetodológica parte de um caminho de (re)encontro com o lugar de escuta da pesquisadora, reconhecendo que há vozes que falam e resistem, enquanto outras tantas foram caladas. Nesse sentido, seus apontamentos revelam que uma outra face do *bem dizer* é o *bem escutar* (Carneiro, 2019).

### 2.3 Epistemologias subversivas, poéticas e paraconsistentes

Algumas apropriações transmetodológicas se debruçam sobre trabalhos que se descolam de uma dimensão epistemológica mais superficial, enquanto sendo uma teoria do conhecimento. A pesquisadora Livia Saggin (2020), em sua tese de doutorado, é uma das que busca, a partir de uma concepção transmetodológica, dentro da *práxis* metodológica, não apenas um caminho transdisciplinar, transepistêmico, mas um transitar dentro da própria pesquisa, a partir de premissas que caminham junto com o pesquisador(a) durante todo o processo.

A epistemologia é vista como um agir reflexivo sobre a própria ciência, confrontando-a com outros saberes não institucionalizados, do que a autora chama de *lógicas paraconsistentes* - uma confluência de saberes que resultam em uma *práxis* epistemológica na pesquisa; assim, podemos avistar nos sentidos comuns esclarecidos, produção de conhecimentos que tem o seu valor, mas que ao longo do tempo foi negligenciada por visões mais restritivas de pesquisa. Para ela, a história e a filosofia da ciência não devem ser uníssonas na compreensão de uma epistemologia crítica (Saggin, 2020).

Já na tese de Helânia Porto (2019), a transmetodologia assume um lugar de "vertente epistêmica orientadora da *práxis*, que nos instigou a pensar sobre os fundamentos do fazer investigativo no campo da Comunicação" (Porto, 2019, p. 105). A autora faz clara referência à antropofagia, quando diz que busca se alimentar de teorias das ciências sociais aplicadas e

humanas produzidas nas Américas e em outros continentes, e das relações intertextuais com os processos midiáticos dos Pataxós, identificando nesse processo horizontes epistemológicos que possibilitam demarcar premissas que fundamentam as reflexões sobre usos e apropriações destes sujeitos em redes sociais digitais.

A antropofagia para a pesquisadora se apresenta aqui como uma possibilidade crítica ao dualismo em que a produção do conhecimento científico tem sido construída (Porto, 2019). De um lado, o ceticismo epistemológico e, de outro, o relativismo ontológico. A antropofagia oferece indicativos para pensar formas de superação da dicotomia entre o plano argumentativo e o experimental em pesquisas sociais.

Junto da antropofagia, se alinha a transmetodologia, possibilitando reflexões críticas de múltiplas teorias e procedimentos metodológicos, inserindo nestas análises, pesquisas sobre métodos investigativos. Assim, inclinando-se para abordagens multiculturais, interdisciplinares e multiperspectivadas, capazes de subverter o modelo positivista hegemônico que separa sujeito da objetividade científica. Os arranjos metodológicos foram se desenvolvendo a partir de uma *cartografia errante* (Porto, 2019), que produziu procedimentos metodológicos investigativos.

## 2.4 Experimentações de um mundo outro

Depois de explicitados os coletivos de pesquisas que mais nos afetaram a partir das perambulações e articulações realizadas, valemo-nos agora, no próxima seção, de um enlace temático final que consiga, além propriamente de delimitar o fim de um texto, indicar a quem nos lê como e por qual motivo defendemos a transmetodologia como um caminho profícuo para pesquisas e investigações em comunicação; a partir das competências cidadãs adquiridas pela proximidade das leituras que nos rondam e nos atravessam.

Buscamos apresentar um caminho já trilhado por pesquisadores e pesquisadoras que exercitam e disputaram processualidades científicas a serviço da transformação, emancipação e bem-viver. Miramos o futuro, tal qual aquilo apresenta para nós - enquanto campo, pesquisadores e cidadãos. Insistir na transmetodologia como renovador epistêmico para o campo da comunicação, assim como inúmeros companheiros de jornada científica o fizeram, finca cada vez mais a ciência e a comunicação como elementos imprescindíveis para a conquista e experimentação de um mundo outro.

### 3. Deslocamentos estratégicos: afetações transmetodológicas para a caminhada

A escrita de um artigo coletivo pressupõe afinidades, encontros, companheirismo e compartilhamento de pressupostos comuns entre seus autores. Concordamos. Porém, afinidades, encontros, companheirismos e compartilhamentos não têm relação com leituras únicas, usos repetidos e olhares hegemônicos. Seria cruel com a ciência. Ao reunir compreensões, usos e estratégias transmetodológicas, celebramos sua capacidade de afetar nossa processualidade científica. É potente observar como repercute de forma singular em cada um de nós e de nosso fazer, a partir do que já temos, do que estamos fazendo e daquilo que virá.

Acolher tais inquietações e refletir sobre as experiências científicas empreitadas por pesquisadoras e pesquisadores da América Latina nos últimos dez anos, nos convida a reconhecer o poder disruptivo e crítico dos trabalhos que têm se inspirado e trabalhado sistematicamente a partir de uma mirada transmetodológica. Trabalhos que não se separam de seus sujeitos, mas que se constituem junto com eles, em uma assunção de esses seriam *corpos-pensamento*, inspirados por leituras como as de Leda Maria Martins (2021) – bem verdade preocupada em debater sobre o pensamento afrodiaspórico do corpo preto a partir dos estudos da cena e da performance – que nos sinaliza algo que não pode nos passar despercebido para e na vertente transmetodológica. Assim como no pensamento da autora, para a transmetodologia os partícipes de pesquisa seriam: “um corpo político, autofalante, arauto do ainda não dito ou repetido, porque antes interdito, censurado, excluído” (Martins, 2021, p. 162).

A transmetodologia tem se mostrado como uma potência teórica-epistêmico-metodológica quando assume a desestabilização estratégica das estruturas rígidas herdadas de um positivismo que colocou o saber científico em um altar de adoração, distante das diversidades da sociedade, com pesquisadores sustentados por uma lógica laboratorial de distanciamento de seus problemas-objetos de pesquisa. Ao promover uma elite intelectual, o fazer científico se converteu em instrumento privilegiado, muitas vezes, utilizado como moeda de troca em um perverso paradigma pautado no lucro financeiro e na lógica *mais-valia* (Maldonado, 2013a). A ciência, quando mal exercida, propicia a origem de muitos males. Veja, por exemplo, os modos de exploração e dominação produzidos pelo desenvolvimento tecnoindustrial de potências imperialistas.

Experenciemos um mundo em crise – crises forjadas por desdobramentos do colonialismo, do capitalismo, do neoliberalismo e das transformações tecnológicas. Exemplos

materializados não faltam: guerras e disputas por territórios que matam inocentes, a manipulação cada vez mais perigosa de armamentos nucleares, usos preocupantes e insensíveis da inteligência artificial, catástrofes climáticas provocados por ação e omissão humana, a maximização da exploração da biodiversidade, da floresta, dos rios, do solo. O fracasso dos modelos vigentes é o prelúdio para a busca de outras cosmovisões. A transmetodologia surge como farol, mesmo com uma luz trêmula e fraca quando comparada ao tamanho da caverna, que ilumina o caminho.

Sendo assim, é fundamental os esforços que pesquisadoras e pesquisadores do campo da comunicação têm investido a partir do exercício de sua cidadania científica, exercendo o direito de amar a ciência e de torná-la objeto de desejo e admiração dos povos. Não como um desejo de posse, mas de partilha. Ao deslocar o fazer científico a uma *práxis* cotidiana, coletiva, instruída, crítica e compromissada, o que temos percebido é a possibilidade de fazer com que os sujeitos efetivem seu direito a amar e manejar a ciência, alistando-se como escolha a um projeto de sociedade (Alves, 1984).

Em sociedades plurais, a cidadania científica, crucial e estratégica para a emancipação dos povos, não se faz com homogeneidades, mas com heterogeneidades. Assim, é fulcral a inspiração transmetodológica, pois se orienta não pela rigidez ou pretensão totalitária de métodos, epistemes e saberes, mas sim, se constituindo no contínuo movimento de tecer um saber mestiço, aquele articulado nas encruzilhadas de diferentes saberes, formados a partir da diversidade de experiências, celebrado no encontro com os outros e potencializado pelo trânsito que se constitui no próprio sentido do saber. A aposta do *cruzo* na contraposição do esquema dicotômico mobilizado para dar conta da ânsia pelos caminhos retos. As encruzilhadas não como espaços de fronteira, mas “como caminho, campo de possibilidade, travessia no tempo/espaço que nos refaz e nos coloca a *fazer da vida um encavado diálogo com o outro*” (Rufino, 2021, p. 40, grifo nosso). A encruzilhada é o nosso lugar de origem, não se pode fugir.

De que nos adianta um saber estático, essencializado, se estamos em movimento, nos desterritorializando e reterritorializando a partir dos encontros e desencontros? Se é nessas fricções que estamos dialogando e concebendo formas de vida, velhos esquemas rígidos já não nos cabem mais, sem que ao menos sejam deslocados e rearranjados. O que as pesquisas em comunicação apoiadas em uma transmetodologia nos provoca é a substituição da rigidez pelo rigor do movimento fluído. Um movimento que acolhe, negocia e produz com o encontro.

Não é tarefa fácil e nem saber dado, mas sim uma disputa. Dentre múltiplas possibilidades, aquelas que elencamos aqui surgem como bons frutos desse movimento coletivo, nos orientando a premissas que nos servem de inspiração para a pesquisa em comunicação seja: a) tensionando e tecendo cartografias de saberes entre as multidimensionalidades dos sujeitos das pesquisas; b) nas construções coletivas de saberes outros; e ainda c) se valendo de epistemologias subversivas, poéticas e paraconsistentes; para a experimentações de um mundo outro.

Mas, reconhecendo que não paramos por aqui, este texto também se apresenta como um convite para a necessidade da vigilância e responsabilidade daqueles que hoje ocupam o espaço científico. Devemos nos questionar: como damos inteligibilidade aos nossos movimentos investigativos com base nas experiências coletivas e confluentes que a *práxis* científica nos oferece?

A transmetodologia se apresenta no fazer cotidiano de cada um de seus pesquisadores, sendo tecida a partir de rupturas e continuidades, que se amparam em um processo crítico de um fazer da pesquisa em comunicação, compromissada com a emancipação dos povos e com o exercício efetivo da cidadania. O que se apresenta até aqui são explorações possíveis. Nos cabe agora repensar os espaços estratégicos em que designamos para nossos saberes mestiços e a maneira como vamos nutrir as encruzilhadas como espaços de constituição de fortalezas heterotópicas de conhecimento.

## Referências

AGUIAR, Lisiane; ROSÁRIO, Nísia Martins do. Multiplicidades: perspectivas metodológicas para pensar a pesquisa científica em comunicação. IN: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs.) *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em Comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013. p. 43-58.

ALVES, Rubens. Procura-se um Flautista feiticeiro In: ALVES, Rubens. *Histórias de quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortes/Autores Associados, 1984.

BACHELARD, Gastón. *A formação do espírito científico*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. 5. ed. Rio de Janeiro: Contraponto. 2005.

BACHELARD, Gastón. *A epistemologia*. Lisboa: Edições 70, 2006.

- BONIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy et al (Org.). *Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos*. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 17-40.
- BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa da pesquisa como práxis metodológica na construção de investigações comunicacionais. In: WOTTRICH, Laura; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Org.). *Experiências Metodológicas na Comunicação*. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 310-326, 2022.
- CAMPANHÃ, Marcela Ribas. *Audiodescrição e cidadania: processos comunicacionais de sujeitos cegos vinculados aos usos e apropriações da rede social WhatsApp*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.
- CARNEIRO, Raquel Gomes. *Sujeitos comunicacionais indígenas e processos etnocomunicacionais: a etnografia cidadão da Rádio Yandê*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- JAPIASSU, Hilton. *Introdução ao pensamento epistemológico*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.
- LIMA, Vivian Maria Corneti de. *A cidadania digital de pessoas com deficiência física: estratégias, práticas e associações heterogêneas*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- LUZ, Paulo Junior Melo da. *Cidadania transcomunicativa: processos comunicacionais de mulheres transexuais e travestis*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022.
- MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. *Anais do XX Encontro Anual da Compós*, GT Comunicação e Cidadania. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 14 a 17 de julho de 2011.
- MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do (Org.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: novos desafios na prática investigativa*. Salamanca-Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013a, p. 31-57.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Pensar os processos sociocomunicacionais em recepção na conjuntura latino-americana de transformação civilizadora. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia Martins do. (Orgs.). *Processualidades metodológicas: configurações transformadoras em Comunicação*. Florianópolis: Insular, 2013b. pp. 87-103.
- MALDONADO, Alberto Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: MALDONADO, Alberto Efendy (Org.). *Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil*. 1. ed. Salamanca Espanha: Comunicación Social y Publicaciones, v. 1, p. 17-40, 2014.
- MALDONADO, Alberto Efendy. *Epistemología de la comunicación: análisis de la vertiente Mattelart en América Latina*. Quito-Ecuador: Ciespal, 2015.

MALDONADO, Alberto Efendy. Cidadania comunieducativa e transmetodologia: a investigação crítica necessária em conjunturas autoritárias. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 5–14, 2022.

MALDONADO, Alberto Efendy. *Transmetodología: visualizaciones epistemológicas en ciencias de la comunicación*. 2. ed. Quito: CIESPAL, 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *La palabra y la acción: por una dialéctica de la liberación*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2018.

MARTINS, Leda Maria. *Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MEDINA, Deicy Yvets Morales. *O corpo travesti: A memória dos sujeitos comunicantes*, Brasil. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil, 2019.

MILLÁN, María del Rosario. Trebejos metodológicos y notas para repensar los medios fronterizos. *V Colóquio Internacional de Investigación Crítica em Comunicação*, 2020.

MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORIN, Edgar. *O método 3: conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PINTO, Fabio Bortolazzo. *Notícias de uma invasão: um estudo sobre El Eternauta, de Héctor Germán Oesterheld*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

PORTO, Helânia Thomazine. *Processos comunicacionais, identitários e cidadãos: Pataxós em "territórios" de resistência e de utopias*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

ROSÁRIO, Nísia Martins. Cartografia na comunicação: questões de método e desafios metodológicos. In: PEIXOTO, Cláudia; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 175-194.

RUFINO, Luiz. *Vence-demanda: educação e descolonização*. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

SAGGIN, Livia. *Educomunicação comunitária: horizontes para repensar a educomunicação, a comunicação comunitária e a cidadania científica*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

SOUSA, Claudiane Aparecida de. *Processos comunicacionais na construção da cidadania dos atingidos por barragens de Mariana/MG e Brumadinho/MG: o crime socioambiental sob o ponto de vista dos sujeitos comunicantes*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

SOUSA, Leila Lima de. *Aprender-sendo: cidadania comunicativa e existências comunicacionais de mulheres negras de Codó e Imperatriz, no Instagram*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.

WOTTRICH, Laura. Atravessamentos metodológicos na pesquisa em Comunicação. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 44, n. 2, 2.

---

**Alberto Efendy Maldonado** – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Autônoma de Barcelona (UAB). Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

E-mail: [efendymaldonado@gmail.com](mailto:efendymaldonado@gmail.com)

**Felipe Collar Berni** – Universidade Federal de Roraima – UFRR

Doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Graduado em Comunicação e Mídias pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Docente no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

E-mail: [felipe.collar@ufr.br](mailto:felipe.collar@ufr.br)

**Luan Correia Cunha Santos** – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos

Doutorando em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Mestre em Comunicação pela UFRR, com bolsa DC-pós/UFRR. Graduado em Comunicação Social - Jornalismo na UFRR. Docente no curso de Jornalismo na Universidade Federal do Acre (Ufac).

E-mail: [luan.correia@ufac.br](mailto:luan.correia@ufac.br)

**Pedro Henrique Andrade** – Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-SP

Doutorando em Comunicação e Práticas de Consumo na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP). Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Graduado em Jornalismo.

E-mail: [pedroandradejornalismo@gmail.com](mailto:pedroandradejornalismo@gmail.com)